

UNIDADE 2

BIBLIOTECA, FORMAÇÃO DO LEITOR E FUNÇÃO TERAPÊUTICA DA LEITURA

3.1 OBJETIVO GERAL

Auxiliar o aluno na compreensão da formação do leitor e da importância da biblioteca para que isto ocorra, por meio do incentivo à leitura. Levar o aluno a conhecer as ideologias que acompanham as narrativas, em especial as infantis, associando-as à biblioterapia, cujo aspecto terapêutico tem significativa importância na função social da leitura.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- a) descrever o processo de formação de um leitor;
 - b) listar as diferenças entre decodificação de signos, analfabetismo funcional, leitura crítica e leitura de mundo;
 - c) definir biblioterapia e biblioterapeuta;
 - d) estabelecer relações entre as aplicações da biblioterapia e as diferentes faixas etárias;
 - e) entender as condições necessárias para um trabalho terapêutico com a leitura.
-

3.3 A BIBLIOTECA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

A história nos lembra que as sociedades ágrafas tiveram sua organização e cidadania fundadas na confiabilidade da palavra oral. No entanto, nas eras mais recentes, a oralidade e a escrita apresentam-se quase miscigenadas uma com a outra, e as práticas de leitura estariam, dessa forma, condicionadas pelas forças ideológicas dominantes, reproduzidas, em especial, no ambiente escolar.

Já vimos que a história da leitura e a história da escrita são complementares e surgiram praticamente ao mesmo tempo, já que, afinal, o texto só existe porque há um leitor para decodificá-lo, interpretá-lo, dar-lhe sentido.

A história do leitor, entretanto, tem origem com a expansão da imprensa e seu desenvolvimento relaciona-se, entre outros motivos, ao crescimento da escola, à alfabetização das populações urbanas – com a obrigatoriedade do ensino –, ao surgimento da família burguesa e à ampliação do mercado do livro, especialmente quando a sua produção e distribuição saíram das mãos da Igreja e do Estado e passaram a ser encaradas como atividade empresarial, visando o lucro (CHARTIER, 1998).

O crescimento e disseminação da leitura surgem, então, graças ao crescimento da demanda pelo texto escrito, com o crescimento da população que dominava a habilidade de ler. Mas, como também vimos, a simples decodificação dos signos não constitui propriamente o leitor.

É seguindo esse conceito que surgem, nos Estados Unidos, na década de 1980, estudos nas áreas da educação e da linguagem que enfocam o ler e escrever dentro do contexto das práticas sociais da leitura e da escrita. Ou seja, o aluno que sabe ler e escrever está alfabetizado, mas o aluno que se apropria da linguagem enquanto fenômeno sociocultural é letrado (*literacy* = letramento). A palavra letramento, portanto, indica a inserção numa cultura letrada (SOARES, 2013).

No Brasil, os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam e se confundem. As discussões acerca do letramento surgem sempre ao lado do conceito de alfabetização, o que tem promovido uma inadequada síntese desses dois processos. Na maioria das vezes, quando se fala em letramento, a intenção recai sobre o conceito de alfabetização. Mas não é uma desapropriação de termos sem justificativa, porque na verdade não há como separar os dois. O aluno se alfabetiza, toma conhecimento das letras, mas é o uso social de suas habilidades de leitura e escrita – o letramento – que irá inseri-lo na cultura que o cerca, tornando-o um cidadão atuante e interacionista.

O letramento é cultural. O indivíduo letrado faz uso social da leitura e da escrita e, portanto, a inclusão começa muito antes da alfabetização, no momento em que o aluno passa a interagir com o caráter social da escrita, a partir de textos significativos, e não apenas no exercício de um aprendizado automático e repetitivo, sem contextualização.

O contrário do letramento é a alfabetização básica, que possibilita ao indivíduo a simples decodificação dos signos, ou ainda o iletrismo, um problema causado pelo empobrecimento do sistema educacional em oposição à expansão da construção de escolas (TRINDADE, 2002). O iletrismo



é identificado como uma falta de compreensão na leitura que atinge basicamente todas as classes sociais, porque está relacionado ao tipo de ensino recebido. Aos indivíduos pertencentes a esses grupos não é garantida a condição de leitor e, por isso, são considerados analfabetos funcionais.

Segundo a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO), analfabetos funcionais são os maiores de 15 anos que frequentaram menos de quatro anos do ensino básico, conhecem as letras, ainda que minimamente, sabem escrever o próprio nome e conseguem ler e escrever frases simples, mas são incapazes de interpretar o que leem ou de fazer operações matemáticas. Não conseguem utilizar a leitura e a escrita em atividades cotidianas, o que compromete seu desenvolvimento profissional e pessoal. No Brasil, essa definição tem sido reajustada em alguma medida, pois têm sido identificados, nos últimos anos, analfabetos funcionais que concluíram o ensino superior.

Figura 10 – São considerados analfabetos funcionais aqueles que conhecem as letras, ainda que minimamente, sabem escrever o próprio nome e conseguem ler e escrever frases simples, mas são incapazes de interpretar o que leem ou de fazer operações matemáticas básicas



Fonte: *MaxPixel*¹⁰

O iletrado e o analfabeto funcional estariam no meio termo entre o analfabeto absoluto e o domínio pleno da leitura e escrita. Recentemente, encontramos também o analfabeto tecnológico, que atinge pelo menos 80% da população que não possui internet. Algumas políticas públicas têm tentado diminuir esse índice no Brasil, mas esbarram em fatores como os valores cobrados pelos provedores de internet para instalação e manutenção do serviço, os preços dos computadores (inacessíveis para a população mais pobre) e a existência de locais onde não há sequer acesso à energia elétrica, como a Amazônia e grande parte do Sertão Nordestino (FERRARO, 2009).

No Brasil, a educação apresentou substancial melhoria no final do século XX, quando a taxa de analfabetismo sofreu uma significativa redução. A obrigatoriedade do antigo ensino primário, equivalente aos quatro anos iniciais do ensino básico, produziu uma queda na taxa de

¹⁰ MAXPIXEL. **Casual businessman head scratching tablet isolated.** Disponível em: <https://www.maxpixel.net/Casual-Businessman-Head-Scratching-Tablet-Isolated-3084884>. Acesso em: 8 dez. 2018.

analfabetismo sem precedentes e, conseqüentemente, o aumento regular da escolaridade média, assim como da frequência escolar. Entretanto, ainda temos quase 20% da população com baixa escolaridade, entre analfabetos, iletrados e analfabetos funcionais. Algumas pesquisas têm relatado, por exemplo, que jovens fora do sistema escolar, que concluíram a quarta série do antigo ensino primário, já esqueceram o que estudaram (TRINDADE, 2002). Essa significativa parcela da população não consegue extrair sentido das palavras ou transmitir ideias por meio da escrita.

Este é o desafio do sistema escolar, dos teóricos da educação, dos professores nas salas de aula, tal seja: encontrar as respostas necessárias ao ensino em nosso país, para que todos os adultos tenham oportunidade de continuar a se desenvolver no mundo atual. Não apenas o desenvolvimento tecnológico, mas a modernização em geral das sociedades vem exigindo a ampliação da participação social e política. E a leitura e a escrita fazem parte da conquista dessa cidadania, tornando imperiosa sua utilização dentro do contexto social em que o indivíduo está inserido, atendendo às demandas que esse contexto exige.

Ainda temos que combater, com energia, o analfabetismo, mas o Brasil precisa também de políticas públicas e ações cujo enfoque seja eliminar o analfabetismo funcional. Todo indivíduo deveria ser capaz de utilizar a leitura e a escrita para informar-se, expressar-se, planejar e continuar aprendendo. Aprender a decodificar os signos linguísticos é fundamental, mas ainda mais importante é o que se consegue fazer com as habilidades de leitura e escrita, principalmente no que se refere à possibilidade de aprendizado contínuo oferecido por elas, o que permite o desenvolvimento pessoal e profissional.

A leitura, como nos lembram *Zilberman e Lajolo (1998)*, estreita as relações entre ciência e arte, situa-se na confluência do sério e do lúdico e, por isso, possibilita fruição e aprendizado. A leitura depende tanto do conhecimento de mundo do leitor, quanto da capacidade de sedução do autor/escritor.

Já vimos que a leitura do mundo, para *Paulo Freire (1997)*, precede a leitura da palavra, porque ler é uma ação ativa, dinâmica, social e múltipla, que busca entender os sentidos dos códigos linguísticos verbais e não verbais produzidos por seres humanos que refletem e ampliam a inteligência do mundo.

A leitura crítica vem imbuída de um conhecimento prévio, construído individualmente ou no grupo a que se pertence. É também o resgate de uma experiência vivida e o desejo de uma experiência a ser vivida. A leitura na sua plenitude é o ato de ressignificar as histórias lidas, de influenciar e ser influenciado pelo autor, num diálogo que auxilia a estabelecer e a mudar pontos de vista, a fazer relações, a adquirir conhecimentos, a escrever nossa história pessoal e social. A ressignificação do que se lê determina a construção de sentido para a formação do leitor, na heterogeneidade da linguagem.

A heterogeneidade e a incompletude são próprias do discurso e do sujeito. A palavra ajuda o homem a se situar no mundo e é um instrumento poderoso, pois a sua própria palavra pode ser utilizada para contradizer a palavra do outro, principalmente aquele que o domina (FOUCAULT, 2012).

As palavras são ferramentas essenciais para o entendimento do mundo que nos cerca, mas também são instrumentos para o pensar. Quando os pais leem para seus filhos, devem dar ênfase ao que chama atenção na história, num exercício de interpretação que permitirá à criança um



olhar para além da mensagem básica do texto lido. Numa sociedade letrada, importa a quantidade de palavras que se conhece, porque elas nos ajudam a conhecer, compreender, ler e, obviamente, escrever.

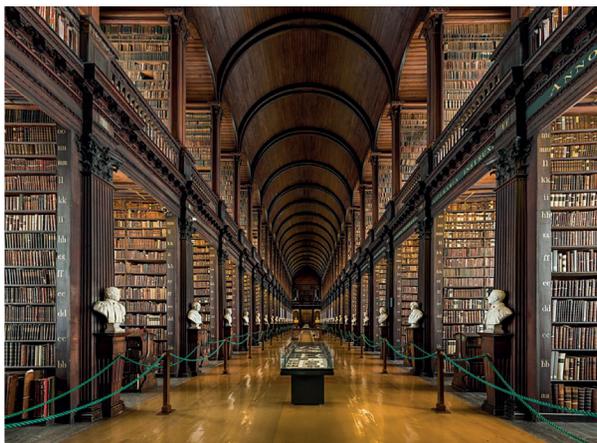
Aprender a ler oferece maior acessibilidade a tudo o que a humanidade produziu, dá voz ao leitor, possibilita-lhe uma compreensão das palavras que diminui a probabilidade de este ser ludibriado. Para se desenvolver competências e habilidades de leitura num mundo globalizado, é preciso procurar apoio em atividades que não se limitem à sala de aula e aos livros didáticos, conduzindo os indivíduos para além do ato de aprender a ler e escrever.

Dos educadores depende a inserção no mundo da leitura e da escrita e também o estímulo a fazer uso destas no cotidiano de seu ambiente sociocultural. As bibliotecas, assim como as salas de aula, são lugares privilegiados para o incentivo ao hábito da leitura.

É importante que se entenda a subjetividade como o caminho por meio do qual o bibliotecário irá fortalecer a formação do leitor. Para compreender a necessidade de emancipação deste, o bibliotecário pode oferecer práticas e propostas de leitura, identificando maneiras de transpor o analfabetismo funcional para a compreensão, interpretação e ressignificação do texto lido.

Segundo *Chartier e Hebrard* (1995), foi em 1790 que as bibliotecas francesas consideraram ofertar seu acervo ao público em geral, dando origem às primeiras bibliotecas nacionais. Num primeiro momento, as bibliotecas eram locais de conservação do patrimônio público, e o leitor, na verdade, era um obstáculo ao bom funcionamento da biblioteca. Os leitores não eram cuidadosos ao manipular os livros, e os bibliotecários, além do trabalho de catalogação, manutenção e reparo, ainda precisavam estar atentos aos leitores e suas ações dentro da biblioteca. Os autores vão se referir aos professores primários do século XIX como bibliotecários circunstanciais. Na época da implantação das bibliotecas escolares, o professor era o primeiro leitor e também o único que tinha permissão para percorrê-la integralmente. Foi um longo caminho até que os leitores e o acervo fossem considerados igualmente valiosos dentro das bibliotecas.

Figura 11 – Num primeiro momento, as bibliotecas eram locais de conservação do patrimônio público, e o leitor – descuidado ao manipular os livros – era um obstáculo ao seu bom funcionamento



Fonte: *Wikipédia*¹¹

¹¹ WIKIPÉDIA. Diliff. **Interior of the Trinity College Library in Dublin**. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Portal:Library_and_information_science/Selected_picture#/media/File:Long_Room_Interior,_Trinity_College_Dublin,_Ireland_-_Diliff.jpg. Acesso em: 8 dez. 2018.

No Brasil, o fomento à leitura vem, historicamente, enfrentando grandes obstáculos, dos quais o mais frequente é a inexistência de políticas públicas contínuas na área, incluindo-se a organização e construção de bibliotecas, tanto públicas quanto escolares.

Em nossa sociedade, a leitura é um dos principais elementos utilizados para incorporar o indivíduo à prática social e à cidadania. Dominar a linguagem urbana é sinônimo de tornar-se cidadão. Nos grupos sociais urbanos, a linguagem básica envolve o código escrito, seja em horas, caixas eletrônicos, placas, indicações de ruas, estacionamentos. Para além do entendimento baseado na decodificação, está a possibilidade de ler as **mensagens subliminares** emanadas de seu meio. Com a cidadania inserida nesse processo de construção social, aquele que não lê terá suas ações desprestigiadas ou menos valorizadas (BORDINI; AGUIAR, 1993).

Políticas públicas de incentivo à formação do leitor são necessárias para a emancipação do indivíduo enquanto cidadão. A implantação de bibliotecas, públicas ou escolares, faz parte dessa força-tarefa de socialização e integração das diferentes camadas sociais ao mundo urbano e letrado. *Chartier e Hebrard* (1995) referem-se aos professores primários do século XIX como bibliotecários circunstanciais à época da implantação das bibliotecas escolares, pois havia nestes uma dedicação constante para instruir o povo e conservar o saber. O professor era o primeiro leitor da biblioteca escolar e aquele que iria percorrê-la integralmente.

Enquanto unidades de informação, as bibliotecas são parte essencial do incentivo à leitura e, conseqüentemente, ao prazer da leitura e à conquista da cidadania. Essas instituições de âmbito público e privado são espaços de cultura e lazer que levam o livro e a leitura a um grande número de pessoas, sempre conquistando novos leitores.

3.4 A FUNÇÃO TERAPÊUTICA DA LEITURA

A relação terapêutica com a leitura remonta à Antiguidade. Os gregos se referiam à biblioteca como a medicina da alma e, no antigo Egito, ela ocupava templos denominados “casas de vida”. Locais de conhecimento e espiritualidade, as bibliotecas continham os livros aconselhados para o tratamento médico e espiritual (CALDIN, 2010).

No século XIX, a leitura para doentes de modo geral, assim como o apoio à psicoterapia, torna-se recomendação. Ela passa a ser utilizada, especialmente nos hospitais, para os pacientes que necessitavam de longos períodos de internação. Ler para os pacientes era uma forma de aliviar a tensão do ambiente em que estavam, mas também uma atividade de lazer e de aquisição de conhecimentos.

Constatou-se que a leitura proporcionava uma melhoria na qualidade de vida das pessoas em tratamento, não apenas nos hospitais, mas



nos orfanatos, nas prisões, junto a pacientes psiquiátricos, entre outras realidades sociais em que a terapia se fazia necessária. A partir dos anos 1930, a biblioterapia passou a ser definida como um campo de pesquisa, vista e estudada como ciência (CALDIN, 2010).

Biblioterapia é, assim, o termo utilizado para definir a utilização de livros (leitura dirigida) como tratamento, em especial sob os aspectos emocional e psicológico, como parte de uma ação integrativa que visa a cura ou o restabelecimento. O fazer biblioterapêutico pode tanto ocorrer num processo de desenvolvimento pessoal quanto em um processo clínico de cura, desde que utilizados livros ou filmes selecionados. Nesse processo, deve-se contar com a participação de profissionais que tenham os conhecimentos necessários para conduzir um processo de escrita criativa e facilitadores treinados para discussões dirigidas, com o propósito de promover a integração de sentimentos e pensamentos, de modo que se promova autoconhecimento ou reabilitação (CALDIN, 2010).



Explicativo

Sobre o tema, veja também:

OUAKNIN, M. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

SEITZ, E. M. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. São Paulo: Habitus, 2006.

Segundo *Oaknin* (1996), mesmo com a definição do que seja biblioterapia, ainda existe um conjunto de questões que necessitam de respostas como: O que é o livro? O que é a leitura? O que é uma doença e que sentido dar à palavra **terapia**? Como já vimos os conceitos de leitura e formação do leitor, entendamos um pouco sobre a doença e, conseqüentemente, sobre terapia.

A questão corpo e mente – e a questão mais específica cérebromente – tem uma orientação importante sobre o entendimento da saúde, da doença e da prática da medicina. Há algumas décadas, surgiu o campo da medicina chamado de psicossomática, responsável pelo estudo do relacionamento entre os aspectos biológicos e psicológicos da saúde. Inúmeras pesquisas e publicações surgiram, desde então, sobre a influência da mente no sistema imunológico, sobre a influência das emoções na saúde e até sobre a influência da mente e das emoções na incidência e caráter de remissão do câncer e de outras doenças graves (DAHLKE, 2000). Torna-se evidente que os mecanismos internos de cura se originam do modo como sistemas, aparentemente diferentes, trabalham juntos (o sistema circulatório, o sistema nervoso, por exemplo) e parece haver, também, algo como um sistema curativo que só entra em ação quando é desafiado ou confrontado com tensões, traumas, doenças ou enfermidades de algum tipo.

Saúde e cuidado com a saúde compreendem, num sentido amplo, a saúde física, psicológica e social, dado que a saúde do indivíduo e a saúde da sociedade são interdependentes. Veja-se, por exemplo, que

as patologias psicológicas e sociais se tornaram os principais problemas da saúde pública nos últimos tempos. O alarmante crescimento de problemas como alcoolismo, crimes violentos, acidentes, terrorismo político e suicídios apresenta-se como sintoma de doença social, embora primeiro atinja o indivíduo (DAHLKE, 2000). Assim, o que não é saudável para o indivíduo tampouco é saudável para a sociedade.

Anos atrás, apenas provas consideradas subjetivas alegavam que a consciência poderia ser expandida e transformada. Cientistas pioneiros, entretanto, após incontáveis experiências ao redor do mundo, começaram a trazer inegáveis evidências de que alguma coisa no funcionamento da consciência é capaz de uma mudança profunda no comportamento físico, com níveis mais altos de integração e processamento no próprio cérebro, garantindo modificações na capacidade de percepção (FERGUSON, 1980).

Na medicina oriental, a visão holística do paciente sempre existiu, a ideia chinesa de corpo é predominantemente funcional. Os chineses não se preocupam tanto com a exatidão anatômica, mas com o inter-relacionamento de todas as partes. O conceito chinês de órgão corpóreo refere-se a um completo sistema funcional que tem que ser considerado em sua totalidade. Para os orientais, o processo de adoecimento é parte de uma abordagem sistêmica e integral (DAHLKE, 2000). A enfermidade se desenvolve em três níveis subsequentes, muitas vezes difíceis de distinguir: nível psicoenergético, nível funcional e nível lesional. Todo o processo se inicia no nível psicoenergético. Os chineses, que se especializaram na prevenção das doenças, são capazes de diagnosticar a alteração energética e prescrever o tratamento adequado. Mas a medicina não integrativa começa a atuar no segundo nível, ou no nível funcional, quando o desequilíbrio psicoenergético provoca alterações no funcionamento do órgão. É no último estágio, o lesional – quando a injúria física provoca mudanças na estrutura do órgão – que a medicina ocidental atua com mais eficiência, utilizando a moderna tecnologia para diagnóstico e tratamento.

A ciência vem, assim, comprovar aquilo que filósofos, teólogos e leitores de todas as eras sempre afirmaram: a palavra humana tem o poder de transformar, além de formar. Para *Gusdorf* (1970), a linguagem é a condição necessária e suficiente para o acesso à pátria humana, e a função da palavra, em sua essência, não é orgânica, mas uma função intelectual e emocional.

Compreender ideologias, arquétipos e estereótipos presentes nas narrativas auxilia no entendimento da natureza psicológica do leitor e ajuda a compor a biblioterapêutica, levando o leitor a analisar e compreender os elementos plurissignificativos dentro das obras, pela prática de leitura, observação e identificação.

Desde tempos imemoriais, sabemos que os contos expressam, por meio da linguagem (falada ou escrita), a subjetividade ou as diferentes subjetividades. Eles trazem elementos que auxiliam a estruturar o real, representam as tensões sociais, em um indivíduo ou uma comunidade, discorrem sobre a incompletude e a heterogeneidade do ser humano. A literatura e, em especial, os mitos e os contos ainda são a melhor expressão da voz humana.

A referência aos heróis mitológicos nos leva aos arquétipos. A origem histórica do termo arquétipo remonta ao neoplatonismo, que lhe atribuía o significado de última forma inteligível (a ideia, o protótipo) de todas as espécies terrenas. Para *Jung* (1998), arquétipos representam



comportamentos psíquicos típicos, inatos ao ser humano. No cerne de todos os complexos comuns aos homens (complexo paterno, materno, sexual, de poder, de dinheiro), encontra-se um arquétipo.

Figura 12 – A literatura e, em especial, os mitos e os contos ainda são a melhor expressão da voz humana



Fonte: Wikipédia¹²

Enquanto as ações ou reações instintivas dos animais podem ser vistas e observadas, o arquétipo só se revela através da introspecção. Sua existência não pode ser observada pelo lado de fora, pois são formas imateriais moldadas pelos fenômenos psíquicos. Observáveis são, apenas, seus efeitos, e eles se nos apresentam em fatos, como, por exemplo, seres de todas as épocas e de todos os povos produzirem, com estruturas semelhantes, gestos rituais míticos (arquetípicos), representações imagéticas verbais e pensamentos que atuam carregados de emoção e fascínio.

O conjunto dos arquétipos constitui o inconsciente coletivo. Os símbolos míticos possuem um efeito gerador de vida que passam de geração a geração, quase inconscientemente. *Jung* (1998) dirá que mitos e sonhos falam das mesmas coisas e se expressam através da linguagem simbólica. Nas palavras de *Campbell* (1990, p. 73), “nem em corpo nem em alma habitamos o mundo daquelas raças caçadoras do milênio paleolítico, a cujas vidas e caminhos, no entanto devemos a própria forma dos nossos corpos e a estrutura das nossas mentes [...]”. Entretanto, lembranças das mensagens adquiridas por esses antepassados de toda a humanidade devem estar adormecidas, em cada um de nós, de alguma forma e ameaçam despertar quando nos aventuramos em regiões inexploradas.

Segundo *Jung* (1998), os mitos são **sonhos arquetípicos**, sonhos que desde os tempos mais remotos contam a história da origem e evolução dos seres humanos. Pertencem e são comuns, portanto, a todos os homens. Como símbolos eternos, os arquétipos têm ajudado o homem a entender a própria realidade de forma significativa, reproduzindo antigas crenças por meio de imagens simbólicas manifestas em sonhos e expressões artísticas e culturais, como a literatura. Embora muitos criam que tais símbolos se restrinjam ao pensamento de povos antigos ou tribos primitivas remanescentes, pesquisas e estudos têm comprovado que os símbolos não perderam a importância para a humanidade.

¹² WIKIPÉDIA. Joseph Noel Paton. **The Quarrel of Oberon and Titania**. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Fairy#/media/File:Sir_Joseph_Noel_Paton_-_The_Quarrel_of_Oberon_and_Titania_-_Google_Art_Project_2.jpg. Acesso em: 8 dez. 2018.

Como herança psicológica comum da humanidade, o chamado **inconsciente coletivo** mostra símbolos oníricos tão antigos e tão pouco familiares ao homem moderno que este necessita de ajuda para compreendê-los ou assimilá-los. *Jung* (1996) dirá que a mente inconsciente do homem moderno conserva a faculdade de fazer símbolos e que essa capacidade é de importância psíquica vital. Dependemos muito mais do que imaginamos das mensagens trazidas por esses símbolos, e tanto as nossas atitudes quanto o nosso comportamento são profundamente influenciados por elas.

Infundáveis depoimentos daqueles que se dedicam a um trabalho de criação literária informam que o autor se entrega a uma voz interior e o livro se vos fala e se constrói a si mesmo. Até certo ponto, o autor se torna o portador de algo que lhe foi transmitido por aquilo a que chamamos **musa inspiradora**. E isso não é força de expressão, é um fato.

Uma vez que a inspiração provém do inconsciente e que a mente das pessoas de qualquer sociedade (por menor que seja seu núcleo) tem muito em comum, no que diz respeito ao inconsciente, aquilo que se traz à tona é algo que existe latente em todos os seres humanos. Por isso, cada um que ouve ou lê uma história pensa ser esta a sua própria história, encontra refletidas, nas palavras do texto lido, suas próprias emoções, sentimentos, verdades e visão de mundo. A imaginação e a fantasia, presentes na literatura, são atividades criativas nas quais o ser humano pode encontrar as respostas para todas as perguntas, pois elas constituem a origem de todas as possibilidades de viver (JUNG, 1991).

A narrativa, em sua dimensão coletiva, guarda uma sabedoria construída na experiência, ou seja, uma função organizadora da experiência. Ora, a experiência humana é moldada pelos sentimentos. O ser humano é cheio de conflitos, ambiguidades, silêncios, reticências, mas ansioso por viver o amor de que é feito. A mitologia conta que somos seres feitos da água do mar e do pó da terra produtiva, com a cabeça voltada para o céu.

O céu, portanto, é o desejo eterno do homem. Para *Jung* (1998), o ser humano possui um sentimento de totalidade – *self* (o si mesmo) – do qual emerge a consciência individualizada do ego à medida que o ser humano cresce. Por meio de ritos de iniciação, ele se prepara para as diferentes fases da vida num permanente ciclo de morte e renascimento, ou seja, ritos de passagem da infância para a adolescência, da adolescência à maturidade e assim por diante.

As sensações de completude e de perfeição são desejos eternos, mas nós somos imperfeitos. O ser humano perfeito é desinteressante, já as imperfeições da vida são apreciáveis, e é por isso que os grandes textos literários são os que tratam da imperfeição humana. E quando lança o dardo de sua palavra verdadeira, o escritor fere, mas o faz com amor. A perfeição é tediosa, porque é desumana. Tudo na história humana passa pelo sofrimento, a luta cotidiana, a busca de um sentido para a vida, a busca do conhecimento de si mesmo (MANN, 2001). Os mitos e contos são histórias sobre a nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos. Todos nós precisamos contar e compreender nossa própria história. Precisamos compreender a morte e enfrentá-la, assim como precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento à vida. Precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos. Isto é experienciar a vida.



Figura 13 – Os mitos e contos são histórias sobre a nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos. Todos nós precisamos contar e compreender nossa própria história



Fonte: *Wikimedia Commons*¹³

Buscamos a experiência de estarmos vivos, de modo que nossas experiências de vida tenham ressonância com o nosso interior, com nossa realidade mais íntima, e os mitos são pistas que ajudam a procurar as respostas dentro de nós mesmos. Na literatura, encontramos vários exemplos de mitos, como o mito do herói, caracterizado pelo nascimento humilde e milagroso, a obtenção de poderes e de força sobre-humana, o caminho da ascensão e notoriedade, a luta contra o mal e o declínio por traição ou ato de sacrifício, seguido pela morte (CAMPBELL 1990). O ciclo completo do nascimento à morte, contido neste e em outros arquétipos, expressa a forma universal (estrutural) de um conteúdo que possui importante significado psicológico tanto para o indivíduo, em seu esforço de afirmar sua personalidade, quanto para a sociedade, na construção de uma identidade coletiva.

O mito do herói aparece para a psicologia analítica como uma primeira etapa na diferenciação da psique, na qual o ego procura o alcance de uma autonomia relativa de sua condição geral de totalidade. Embora não constitua, por si só, garantia de libertação, mostra a conquista da consciência. Toda fase da vida é marcada por conflitos ou períodos de transição em que se tem a necessidade de afirmação da diferença do ego e da psique total (JUNG, 1996).

Garantindo uma transição significativa nos períodos críticos, o arquétipo de iniciação é ativado, oferecendo algo mais rico no sentido espiritual. Conhecidos desde a Antiguidade como mistérios, os esquemas dos arquétipos de iniciação são elaborados na mesma forma que os rituais eclesiais, com cerimônias especiais para os momentos como casamento, nascimento ou morte (CAMPBELL, 1990). Assim, deuses e deuses mitológicos não devem ser considerados como existentes em si mesmos, enquanto seres substanciais e independentes de nossa existência. Na realidade, configuram arquétipos do inconsciente coletivo, centro de grande energia e significação, que somente através da linguagem dos heróis e heroínas, deuses e deusas, podem ser expressos adequadamente. São figuras carregadas de emoção e de inspirações mobilizadoras para os comportamentos humanos.

¹³ WIKIMÉDIA COMMONS. Jacob Jordaens. **Adam and Eve**. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jordaens_Adam_and_Eve.jpg. Acesso em: 8 dez. 2018.

Alguns estudiosos do ensino de literatura apregoam que o trabalho com a narrativa não deve ser entendido como pretexto para o ensino de conteúdos específicos, visto que o ato de contar histórias se caracteriza como forma não disciplinar e tem por finalidade a formação do ser humano, em sua dimensão de sensibilidade, criatividade e criticidade diante da vida. Mas é fato que a leitura criativa auxilia na compreensão e assimilação de conteúdos específicos do ensino escolar (COELHO, 2000)

Para *Rudolf Steiner* (1996), uma aprendizagem significativa tem como meta a formação da vontade e o estímulo à sensibilidade e ao intelecto, cultivados pela ciência, pela arte e por valores morais e espirituais. Dessa maneira, o ensino será definido como o entrelaçamento de pontos de vista científicos e estético-artísticos, com o respeito profundo pelo outro e pela natureza, num espírito de admiração ante o mundo, só possível a partir de um comprometimento livre e verdadeiro com a essência humana de cada um de nós.

Para um trabalho biblioterapêutico, é importante o conhecimento de todos os aspectos que formam e transformam o comportamento humano. A visão humanista na psicologia procura considerar os aspectos que dão valor à vida, como a autorrealização, o êxtase de significativas experiências que possibilitem ao homem sentir a livre expansão interior, a sua própria percepção da verdade da vida. Nessa concepção, o indivíduo deve buscar uma personalidade sadia, relacionando-se com a saúde, e não com a patologia psíquica. Uma doença como a neurose, por exemplo, seria identificada como a impossibilidade de manifestação da criatividade no ser humano.

A leitura, por excelência, aumenta a criatividade, amplia os horizontes, dá vida a emoções ímpares. As narrativas promovem conhecimentos que desencadeiam, no indivíduo, posturas instigadoras, inquietas, curiosas e persistentes na construção e reconstrução do saber. A biblioterapia abre um caminho de autoconhecimento e autoestima que nunca irá se fechar.

3.5 APLICAÇÕES DA BIBLIOTERAPIA

A literatura é o registro do pensamento e dos valores de homens e mulheres que se entregaram à expressão literária, permitindo aos seres humanos, de qualquer tempo, entender a história da sua humanidade, encontrar a sua identidade cultural. A literatura e as demais artes, em geral, são escolas de complexidade humana, por meio das quais a cultura de cada época se corporifica (COELHO, 2000). Ela atua de maneira profunda e essencial na formatação e divulgação dos valores culturais de uma sociedade ou civilização.



Segundo *Walter Benjamin* (1993), a narrativa possui a função de transmitir experiência, sejam elas pessoais ou as de um povo, uma comunidade ou de uma cultura. *Benjamin* (1993) afirma que a narrativa é a legítima portadora das tradições orais, possuindo um caráter utilitário que se evidencia quando transmite um ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio ou uma forma de vida.

A biblioterapia oferece o apoio literário personalizado, num processo que integra sentimentos, valores e ações na busca de um resultado de crescimento e desenvolvimento pessoal harmônico e equilibrado. A leitura, a reflexão sobre o texto lido e também a produção de composições, poemas e histórias auxiliam a identificar problemas ou conflitos internos em crianças, adolescentes e adultos.

A palavra humana pode nomear momentos de felicidade e momentos de infelicidade (MANN, 2001). A palavra mais fácil é a que se refere ao mundo exterior, e a palavra mais difícil, a que dá vida e sentido ao mundo de sentimentos e emoções de cada ser humano (GUSDORF, 1970).

É função do biblioterapeuta a indicação da melhor coletânea de textos para cada pessoa ou comunidade, em determinada situação. A literatura, partindo de uma reflexão sobre o real, transposto para a ficção, traz elementos indispensáveis à sobrevivência de uma comunidade, transmitindo os valores que a regem, aproximando os indivíduos, reforçando laços familiares e ainda promovendo a resolução de conflitos. A literatura auxilia a estruturar o real, a partir das experiências cotidianas, podendo ainda exercer uma função catártica, ao representar as tensões sociais. Ela utiliza o código da vida social cotidiana, representando laços comunitários e familiares e, com isso, reforça a coesão da comunidade.

Figura 14 – A literatura, partindo de uma reflexão sobre o real, transposto para a ficção, traz elementos indispensáveis à sobrevivência de uma comunidade, aproximando os indivíduos, reforçando laços familiares e promovendo a resolução de conflitos, a partir das experiências cotidianas



Fonte: Flickr¹⁴

À biblioterapia são destinadas atividades preventivas e terapêuticas com a utilização de livros de ficção e até de autoajuda, em grupos, divididos por faixas etárias, ou individualmente. Mas o que se destaca,

¹⁴ FLICKR. Mormon Images. **Black family book**. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/moregoodfoundation/6186143390>. Acesso em: 8 dez. 2018.

sempre, é a possibilidade que este trabalho oferece de restabelecer a saúde e permitir o desenvolvimento contínuo do ser, em qualquer idade. Importa, aqui, a seleção adequada dos materiais de leitura, a orientação na resolução de problemas pessoais por meio dessas leituras, o processo de interação dinâmica entre o leitor (enquanto indivíduo) e a literatura, cuja função é auxiliar no ajuste e crescimento da personalidade.

Alguns estudiosos do tema, como *Orsini* (1982), acreditam que a biblioterapia seja uma técnica que pode ser utilizada para fins de diagnóstico, além das funções de tratamento e prevenção. Entretanto, é bom lembrar que o diagnóstico só pode ser realizado por um profissional competente para esse fim. Porém, a leitura pode, sim, colaborar para o diagnóstico dos problemas que afligem o indivíduo.

O trabalho terapêutico através da leitura pode ocorrer nos níveis intelectual, social, emocional e comportamental. A seleção adequada de material literário, disponibilizado para o indivíduo, irá auxiliá-lo na adequação aos modelos sociais de uma forma integrativa, com o desenvolvimento emocional e o autoconhecimento que promovem uma mudança positiva no comportamento.

Essa técnica pode ser implantada nos diferentes grupos sociais, de crianças a idosos. A leitura dirigida e a discussão em grupo favorecem a interação entre os elementos do grupo, favorecendo a expressão dos sentimentos, em especial aqueles opressores, como angústias e ansiedades. O compartilhar de sentimentos tem o propósito de promover a solução de problemas que são comuns aos membros do grupo.

Enquanto método, a biblioterapia consiste na dinamização e na ativação da linguagem. Já vimos que as palavras não são neutras e que o conteúdo literário “fala” a cada ser humano e a todos nós. O trabalho terapêutico por meio da leitura consiste em valer-se dessa dinamização e ativação da linguagem, especialmente a metafórica (CALDIN, 2001). A leitura transporta-nos a outro mundo, onde podemos ser quem quisermos e, nesse diálogo com o texto, em que este abre espaço para interpretações particulares e individuais, cada um vai encontrando o seu próprio lugar, “curando” as feridas da alma, ajustando-se ao ambiente social que o cerca.

Independentemente da técnica aplicada, *Caldin* (2001) indica quatro fases a serem vivenciadas no trabalho biblioterapêutico, que acompanham os conceitos de psicoterapia de *Freud*. A primeira fase, chamada de assimilação do paciente com o personagem, consiste na permissão dada ao leitor/indivíduo, por si mesmo, para tomar consciência de ou assimilar o que está ocorrendo consigo mesmo. Na segunda fase ocorre o que se chama de projeção, em que o indivíduo transfere para outra pessoa ou objeto suas ideias e sentimentos. A terceira fase apresenta-se como catarse, onde o leitor envolve-se emocionalmente na história, não enquanto projeção ou transferência, mas como protagonista do enredo que lhe desperta emoções e sentimentos familiares. Nessa condição, atinge-se a quarta fase, chamada de *insight*, momento em que o leitor toma parte na discussão construtiva de seus sentimentos, quando tudo o que foi lido, ouvido, visto ou apresentado é transformado pelo indivíduo e incorporado em uma nova forma de agir e de sentir o mundo que o cerca.



Figura 15 – O objetivo da leitura terapêutica, promovida pela biblioterapia, é permitir ao indivíduo transformar tudo o que foi lido, ouvido, visto ou apresentado durante a leitura dirigida e, com isso, estabelecer a possibilidade de uma nova forma de agir e de sentir o mundo que o cerca



Fonte: Flickr¹⁵

Esse processo pode ser utilizado pela biblioterapia em diferentes segmentos sociais, como: hospitais, asilos, prisões, creches, qualquer instituição que abrigue e trabalhe com indivíduos com necessidades especiais, sejam estas psicológicas, físicas ou emocionais, como os dependentes químicos.

Seja qual for o segmento em que se vá atuar, ou a faixa etária do grupo com o qual se efetive o trabalho biblioterapêutico, as atividades de leitura devem promover a humanização no processo de institucionalização, trazendo o alívio de tensões, aumentando a autoestima e apresentando-se como um momento de lazer, de integração e troca humana, entre os participantes do processo.

Experiências com o trabalho biblioterapêutico provaram a diminuição do estado de incapacidade de crianças hospitalizadas ou com problemas de aprendizagem, a promoção do alívio temporário de dores e medos em pessoas institucionalizadas ou hospitalizadas, o resgate do imaginário e do lúdico no suporte emocional a crianças e adultos, num processo de integração entre o corpo e a mente.



Explicativo

Veja, entre outras, as experiências de:

TEIXEIRA, P. R. N. **O papel da contação de histórias como biblioterapia:** a experiência do projeto “Histórias na creche” do núcleo da Hora do conto – Fabrico/UFRG na creche da instituição Amigo Germano, em Porto Alegre – RS. Porto Alegre: UFRGS/Fabrico/DCI, 2004.

¹⁵ FLICKR. Victoria Nevland. 3/52. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/victorianevland/12486228674>. Acesso em: 8 dez. 2018.

SEITZ, E. M. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. Disponível em: http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1838/pdf_6. Acesso em: 28 jan. 2016.

ROSSI, T. **Aplicação da biblioterapia em idosos da sociedade espírita obreiros da vida eterna**. Disponível em: www.acbsc.org.br/revista/index.php/racb/article/view/505/650. Acesso em: 28 jan. 2016.

PEREIRA, M. M. G. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Universitária, 1996.

Já vimos que a medicina não tradicional entende a neurose como falta de criatividade. E qual a melhor forma de se promover a criatividade se não pelo contato com a leitura? A leitura traz bem-estar ao indivíduo, e a biblioterapia representa, assim, a ponte que facilita o desenvolvimento pessoal e a resolução de problemas, utilizando a leitura como ferramenta.

Uma leitura dirigida auxilia o leitor a reconhecer emoções no texto e em si mesmo, e este pode ser um grande impulso para a superação de problemas e conflitos internos. Entretanto, há que se reconhecer que esta não é uma ação que deva ser praticada inadvertidamente. A leitura, sem um acompanhamento terapêutico não se constitui em biblioterapia *per se*. O resultado positivo do autoconhecimento com auxílio da leitura é essencialmente acompanhado por um psicólogo, um psiquiatra, um médico ou outro profissional preparado para essa atividade. É preciso, então, que o bibliotecário seja também um terapeuta e adquira conhecimentos essenciais sobre a mente humana e seu funcionamento, em especial sob o aspecto psicológico. O bibliotecário, sem formação de terapeuta, pode fazer parte de um grupo de profissionais qualificados para esse trabalho, auxiliando na identificação do material bibliográfico melhor indicado para cada situação. A Sociedade Brasileira de Biblioterapia Clínica oferece a formação específica para que os bibliotecários possam exercer essa função.



3.5.1 Atividade

1. Reflita e escolha a alternativa que apresenta a resposta mais completa e adequada à questão abaixo:

No final do século XX, a educação no Brasil apresentou uma significativa melhoria, com a diminuição da taxa de analfabetismo. No entanto, ainda há 20% da população com baixa escolaridade, entre analfabetos, iletrados e analfabetos funcionais. Quando ocorre o analfabetismo funcional?

- Ocorre quando o indivíduo sabe ler e escrever, no entanto não consegue decodificar os signos, para que possa compreender e interpretar o texto.
- Ocorre quando o indivíduo identifica os signos, lê e escreve, mas não desenvolve habilidade de interpretação de textos;

não usa bem a leitura e a escrita para se expressar, se informar e continuar aprendendo.

- c) Ocorre quando o indivíduo esquece tudo o que já estudou e aprendeu durante toda a sua escolaridade.
- d) Ocorre quando os indivíduos, por não estarem inseridos em classes sociais privilegiadas, não conseguem a mínima compreensão do que leem.
- e) Ocorre quando os indivíduos, inseridos em classes sociais diversas, revelam uma incapacidade de dar continuidade ao processo de aprendizagem por não permanecerem na escola.

2. Analise as afirmações a seguir e indique aquela que oferece um quadro adequado para o papel do biblioterapeuta:

- a) O biblioterapeuta tem a função de, por meio da leitura, formar indivíduos bem preparados para uma atuação social em locais que buscam a cura para transtornos psicológicos graves.
- b) O papel do biblioterapeuta é, por meio de leituras selecionadas e especializadas, auxiliar o bibliotecário a realizar diagnósticos de problemas psicológicos, a fim de indicar aos indivíduos o melhor tratamento em cada caso.
- c) Por meio da leitura, o biblioterapeuta deve levar o leitor a se reconhecer como personagem das histórias literárias e, assim, encontrar seu próprio caminho para a cura dos transtornos psicológicos e psiquiátricos, sem necessidade de acompanhamento por outros profissionais.
- d) O biblioterapeuta deve fornecer ao leitor uma lista das mais importantes obras literárias, como os contos de fadas, e ajudá-lo a reviver, através desses contos, sua própria história.
- e) Por meio da leitura, da reflexão a respeito de um texto lido e da elaboração de novos textos, o biblioterapeuta irá auxiliar o indivíduo a identificar problemas e dificuldades pessoais. Sugerir as melhores obras para diferentes situações, promovendo a resolução de conflitos, é a função do biblioterapeuta enquanto coadjuvante no processo terapêutico.

Resposta comentada

1.
 - a) Esta alternativa é **incorreta**, porque o analfabeto funcional sabe ler, escrever e, portanto, decodificar os signos.
 - b) Esta alternativa é **correta**, porque contém a explicação mais completa e adequada sobre quando ocorre o analfabetismo funcional, ou seja, afirma que o analfabeto funcional sabe ler, escrever, decodificando, portanto, os signos linguísticos, mas é incapaz de interpretar, estabelecer relações entre textos (intertextualidade) ou refletir sobre o conteúdo lido, resignificando sua leitura.
 - c) Esta alternativa é **incorreta**, porque o analfabeto funcional não pode esquecer aquilo que não aprendeu. Ele se lembra dos códigos linguísticos, mas sua leitura não vai além da superfície do texto e da obviedade da informação.
 - d) Esta alternativa é **incorreta**, porque o analfabetismo funcional não é exclusivamente encontrado nas classes sociais

menos favorecidas. Ele ocorre em qualquer classe social, embora as classes menos privilegiadas registrem o maior índice de analfabetismo funcional. A classe social a que pertence o indivíduo não é condição para que o analfabetismo funcional ocorra. Ele depende de questões ligadas ao processo educativo, à formação do leitor e ao estímulo do desenvolvimento cognitivo durante a alfabetização do indivíduo.

- e) Esta alternativa é **incorreta**, porque não é o tempo (em anos) de escolaridade que previne o analfabetismo funcional, mas sim a qualidade do trabalho educacional realizado. Veja-se, por exemplo, que há analfabetos funcionais que conseguiram concluir um curso superior.

2.

- a) Esta alternativa é **incorreta**. O biblioterapeuta **não forma** indivíduos, seja por meio da leitura ou de qualquer outra habilidade, para atuar em locais de cura para transtornos psicológicos graves, que seriam hospitais psiquiátricos e outras instituições afins. O biblioterapeuta não tem essa formação e nem essa competência técnica.
- b) Esta alternativa é **incorreta**. O biblioterapeuta não possui formação adequada para realizar diagnósticos de problemas psicológicos ou emocionais. Para isso é necessário um profissional que seja psicólogo ou médico psiquiatra.
- c) Esta alternativa é **incorreta**. É o leitor quem determina sua identificação com qualquer personagem das histórias que lê. E necessita ter total liberdade para isso. O biblioterapeuta não deve interferir nessa identificação, nem sugerir leituras enquanto tratamento terapêutico, sem a participação de profissionais especializados e capacitados para esta ação.
- d) Esta alternativa está **incorreta**. O biblioterapeuta pode sugerir e oferecer uma lista de obras para leitura, mas jamais deve escolher pelo leitor, especialmente com a intenção de ajudá-lo a reviver qualquer dificuldade pessoal.
- e) Esta alternativa está **correta**. O biblioterapeuta pode sugerir leituras adequadas para o indivíduo. Tais leituras poderão auxiliá-lo a identificar problemas e dificuldades pessoais. Entretanto, deve-se reforçar que o biblioterapeuta é um coadjuvante no processo terapêutico e deve fazer parte de uma equipe multidisciplinar, da qual constem profissionais habilitados para diagnóstico e indicação de tratamento.
-